

COMPLEMENTOS DATIVOS SEM PREPOSIÇÃO NO DIALETO MINEIRO

Rerisson Cavalcante¹

rerisson@usp.br

RESUMO: Nesse artigo, analiso o fenômeno de omissão da preposição em complementos indiretos de verbos bitransitivos no dialeto da Zona da Mata de Minas Gerais, descrito por Scher (1996). Ofereço uma análise baseada na hipótese de que essa omissão é condicionada pela adjacência da preposição a um elemento que funcione como núcleo D^o, o que explica porque o apagamento pode ocorrer independente da posição que o complemento ocupa em relação ao verbo e ao complemento direto e porque não pode ocorrer diante de pronomes indefinidos. Derivo esse condicionamento de um requerimento de *merge* entre a preposição e o determinante, que ocorre no componente morfológico no PB, mas no componente sintático, via movimento, no PBM, de modo semelhante à diferença de *merge* entre T e V em línguas com e sem movimento do verbo.

PALAVRAS-CHAVE: complementos dativos; português brasileiro; dialeto da Zona da Mata (MG); interface sintaxe-morfologia.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analiso a ausência da preposição em complementos dativos², como em (1), fenômeno estudado em Scher (1996) no dialeto da Zona da Mata de Minas Gerais (PBM), mas agramatical em outros dialetos do português brasileiro (PB).

¹ Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processos 2008/00073-0 e 2006/00965-2.

² São chamados *dativos*, neste trabalho, os complementos de verbos bitransitivos como DAR, ENTREGAR, que recebem interpretação de alvo, meta ou beneficiário. Também mereceriam esse rótulo os complementos de bitransitivos que têm sentido de origem ou recipiente, mas esses não são importantes para o trabalho, pois, no PB(M), são introduzidos pela preposição DE, que não sofre apagamento.

O termo “(complemento) dativo” será usado, então, nesse sentido, mais ligado a propriedades semânticas e de s-seleção do que ao de “Caso abstrato”; nesse último sentido, utilizarei a expressão “Caso dativo” ou “Caso oblíquo”.

- (1) a. Eu dei o livro *o rapaz*. (PB: *; PBM: ok)
b. Eu dei *o rapaz* o livro. (PB: *; PBM: ok)

(Scher, 1999:12)

Scher (1996) argumenta convincentemente que esse fenômeno é qualitativamente distinto das *construções de duplo objeto* do inglês, em que também é possível a omissão da preposição em complementos dativos. Segundo a autora, no dialeto mineiro o que ocorre é um processo de apagamento fonológico da preposição, condicionado por fatores fonológicos e/ou morfológicos, cuja natureza exata ainda precisa ser caracterizada.

Neste artigo, formulo uma proposta de análise para a diferença entre o PB e o PBM quanto à possibilidade de omissão da preposição, baseada na interação diferenciada entre a sintaxe e a morfologia nos dois dialetos. Em outras palavras, defendo que a presença ou ausência da preposição decorre de a operação de *merge* entre a preposição e o determinante do DP dativo ocorrer em diferentes momentos da computação em cada dialeto: no componente morfológico no PB e no componente sintático no PBM. Isso implica que a derivação sintática envia para Forma Morfológica objetos sintáticos diferentes no PB e no PBM. Demonstro que essa análise consegue dar conta dos contextos em que o apagamento é possível e em que é impossível.

A proposta está baseada nos pressupostos teóricos do programa minimalista (Chomsky, 2000; 2001; 2004) e da morfologia distribuída (Halle & Marantz, 1993). O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresento um resumo das características das construções de duplo objeto de línguas como o inglês, segundo a literatura; na seção 2, as propriedades do fenômeno de omissão da preposição no dialeto mineiro, de acordo com Scher (1996); na seção 3, apresento uma hipótese sobre o fator morfológico que condiciona a omissão da preposição no PBM; na seção 4, apresento uma proposta de derivação para os PPs dativos do PB e do PBM; ainda nesta seção, discuto a situação distinta do dialeto de Helvécia (BA); na seção 5, concluo o trabalho.

1. CONSTRUÇÕES DE DUPLO OBJETO (EM INGLÊS)

A ausência da preposição em complementos dativos é um fenômeno comum e muito estudado em inglês nas chamadas *construções de duplo objeto*. Os estudos têm

demonstrado que não se trata apenas de um processo de omissão fonética/fonológica do item lexical, mas de um fenômeno sintaticamente condicionado (cf. Larson, 1988; vd. Scher, 1996, para uma revisão das análises encontradas na literatura).

Em primeiro lugar, o fenômeno é restrito unicamente à ordem [V DP_{DAT} DP_{TEMA}], em que há adjacência estrita entre o complemento dativo e o verbo, como mostram os exemplos em (2). A ausência da preposição é, portanto, agramatical na ordem [V DP_{TEMA} DP_{DAT}], com o complemento direto (tema) rompendo a adjacência.

- (2) a. I gave *Mary* a book.
b. I gave a book *(to) *Mary*.

Em segundo lugar, a ausência da preposição implica uma alteração no *status* categorial do complemento, que deixa de funcionar como um PP com Caso oblíquo, e passa a se comportar como um DP com Caso acusativo. Isso se comprova pela possibilidade de o complemento dativo sofrer passivização, sendo alçado à posição de sujeito, como em (3a), fenômeno que não ocorre em línguas que não têm construções de duplo objeto³. Quando é o DP tema que é passivizado, como em (3b), a omissão da preposição é agramatical.

- (3) a. *Mary* was given a book.
b. A book was given *(to) *Mary*.

Esses dados parecem mostrar que a omissão da preposição está ligada a algum processo de licenciamento especial de Caso, em que o complemento deixa de receber Caso da preposição⁴ para receber (acusativo) diretamente do verbo (ou v-zinho), o que explica a obrigatoriedade da adjacência ao verbo e, em passivas, o alçamento para a

³ O português de moçambique apresenta características em tudo semelhantes a essas: o complemento dativo pode ocorrer sem preposição, desde que em adjacência ao verbo, e ser passivizado (cf. Oliveira, 2005).

- (i) Demonstrou *as outras mulheres* o papel do destacamento feminino.
(ii) *Os jovens* são dados responsabilidades de família.

O trabalho de Barros (2008) aponta que na comunidade afro-brasileira de Helvécia, interior da Bahia, a omissão da preposição também está condicionada à adjacência com o verbo. A possibilidade de passivização não é tratada no trabalho, pela pouca produtividade de sentenças passivas no dialeto. (Para uma análise da diferença entre a omissão da preposição nos dialetos brasileira da Zona da Mata e de Helvécia, vd. Cavalcante & Barros (em preparação)).

Várias línguas crioulas, inclusive de base lexical portuguesa, também apresentam construções de duplo objeto, mas são destituídas de recursos de passivização.

⁴ Se a ausência da preposição é causa ou consequência dessa atribuição “especial” de Caso por parte do verbo não está claro e não será objeto de discussão aqui.

posição de sujeito. Que o complemento dativo possa receber Caso acusativo nessas construções explica os dados em (3). A passivização do dativo em (3a) é possível, uma vez que sentenças passivas não atribuem Caso acusativo, tornando o complemento acessível ao movimento e à atribuição de Caso nominativo por T°.

Nessas construções, o complemento direto (tema) provavelmente deve receber Caso inerente (ao invés de acusativo) do verbo, o que explica porque ele permanece interno ao VP na passivização em (3a). Nas sentenças em que a preposição ocorre, o complemento direto deve receber Caso acusativo do verbo normalmente. Dessa forma, o exemplo (3b) só pode ser gerado a partir da estrutura de base em que o dativo recebe Caso oblíquo da preposição, e o complemento direto, na ausência de Caso acusativo, recebe nominativo e se move obrigatoriamente para Spec,TP. Isso explica a impossibilidade de omissão da preposição quando ocorre passivização do complemento direto em (3b): se não há Caso acusativo disponível, o complemento dativo não é licenciado.

Deixando de lado propostas técnicas sobre a derivação dessas construções, essas são as duas propriedades que nos interessam mais aqui: (i) a adjacência obrigatória ao verbo e (ii) a possibilidade de passivização do dativo. Como se verá na próxima seção, de acordo com Scher (1996), nenhuma dessas características está presente no fenômeno de omissão da preposição nos dativos do dialeto mineiro.

2. OMISSÃO DA PREPOSIÇÃO NO DIALETO DA ZONA DA MATA

Como apontado na introdução, Scher (1996) argumenta que a omissão da preposição no PBM apresenta características distintas do fenômeno de duplo objeto do inglês. A primeira diferença é o fato de que a omissão acontece independente da posição em que o complemento dativo ocorre no VP, ou seja, não existe o requerimento de adjacência estrita entre o verbo e o dativo, como se pode notar pelos exemplos em (4):

- (4) a. Mostra o carrinho *os meninos!*
b. Dá o recado *o seu irmão!*

(Scher, 1996: 39)

A segunda diferença é que o dialeto mineiro, assim como o PB, mas diferentemente do inglês, não permite a passivização do dativo, como mostra a agramaticalidade dos exemplos em (5).

- (5) a. **Os meninos* foram dados um livro.
b. **Proslaos meninos* foram dados um livro.

(Scher, 1996: 28)

Essas duas diferenças parecem indicar que o *status* categorial do dativo é mantido independentemente da não-realização da preposição, ou seja, ele continua se comportando “como” um PP, com Caso oblíquo, não aceitando receber Caso nominativo e podendo ocorrer fora de adjacência ao verbo.

É importante pontuar que apenas a falta de adjacência entre o verbo e o dativo não seria, em princípio, um argumento suficientemente forte para propor uma diferença entre o fenômeno no PBM e no inglês, uma vez que o movimento do verbo para fora do vP, que ocorre no PB(M), mas não no inglês, poderia ocultar o requerimento de adjacência, permitindo ao menos a interveniência de elementos adjuntos ao vP/VP, como na representação em (6).

(6) [TP [T° verbo [_{VP/VP} adjunto [_{VP/VP} ... verbo DP_{DAT} DP_{TEMA}]]]]

Ainda assim, a possibilidade de intervenção do complemento direto seria problemática para uma análise nesse sentido, pois, para ocorrer entre o verbo (movido) e o dativo, ele teria que estar numa posição como a de especificador de vP. Essa posição para o complemento direto é incompatível com a análise de duplo objeto, pois implicaria a atribuição de Caso acusativo a esse complemento, deixando o dativo sem Caso⁵.

Se a interveniência do complemento direto já traz, então, dúvidas sobre a similaridade entre o fenômeno nas duas línguas, a impossibilidade de passivização dos

⁵ Armelin (2008), porém, explora a possibilidade de que os complementos estejam deslocados para projeções de tópico e foco informacional, entre TP e vP, de acordo com a proposta da cartografia do IP, de Belletti (2002). Se correta, a proposta abre possibilidade para um afrouxamento no requisito de adjacência entre o DP_{DAT} e o V no PB, pois a ordem interna ao vP/VP seria obscurecida pelo movimento de um dos complementos ou de ambos para as projeções funcionais em questão.

A impossibilidade de passivização do dativo e o apagamento da preposição em complementos nominais, entretanto, permanecem como indícios de que o fenômeno do PBM é, ao menos parcialmente, distinto do inglês, hipótese original tanto de Scher (1996) quanto de Armelin (2008).

dativos fornece evidência robusta para a hipótese de Scher (1996), de que se trata de construções estruturalmente distintas.

Uma outra propriedade importante apontada pela autora é que a omissão da preposição do PBM não ocorre com todos os verbos que podem manifestar um complemento dativo, mas apenas com aqueles em que é possível utilizar a preposição A como introdutora do complemento. Verbos como COMPRAR, que aceitam apenas a preposição PARA, não permitem a omissão, como mostram os exemplos em (7), enquanto verbos que aceitam tanto A quanto PARA permitem (cf. 1 e 4). Isso indica que se trata de um processo que atinge unicamente o item lexical A, um item fonologicamente fraco.

- (7) a. Ela comprou um presente *(pr)o pai.
b. Ela comprou *(pr)o pai um presente.

Por fim, ainda segundo Scher (1996), a omissão da preposição é aceitável no PBM em sentenças como (8), em que o DP não é complemento verbal, mas nominal. Note-se que nesse exemplo apenas a preposição A seria possível, nunca PARA, o que confirma que se trata de um processo mais geral de apagamento da preposição A e não de um licenciamento alternativo de Caso.

- (8) A visita *o Rio de Janeiro* foi proveitosa. (Scher, 1996:40)

Como base nessas propriedades, Scher (1996) argumenta que a omissão da preposição no dialeto mineiro não é resultado de um processo (exclusivamente) sintático, como no inglês, mas de algum processo de natureza fonológica que apaga a preposição diante de condicionamentos fonológicos e/ou morfológicos. A autora, entretanto, não caracteriza esse processo, sugerindo apenas que, ao menos para a ordem [V DP_{DAT} DP_{TEMA}], ele poderia estar sendo condicionado pela adjacência da preposição A com a sílaba final do verbo, criando um contexto vogal-vogal, que favoreceria um sândi vocálico.

Um problema evidente para a análise é que ela só conseguiria explicar a omissão em uma das ordens, exigindo a busca de outra explicação para quando ela se dá na ordem [V DP_{TEMA} DP_{DAT}]. Evidentemente, uma análise unificada para o apagamento em quaisquer das ordens é teoricamente desejável, ao menos que se encontrasse alguma

evidência de que o *status* do apagamento é distinto em cada uma das ordens. Nas próximas seções, apresento uma análise alternativa para a derivação das sentenças em que há omissão da preposição no PBM, baseada na idéia de que um processo sintático bloqueia a inserção da preposição A na morfologia.

3. OMISSÃO DA PREPOSIÇÃO E ELEMENTOS DA “PERIFERIA ESQUERDA” DO DP DATIVO

Se o processo de apagamento da preposição envolve algum tipo de condicionamento morfo-fonológico, é preciso olhar para o contexto em que a preposição é apagada, independentemente da posição em que o complemento ocorre. O único contexto que se mantém fixo no processo é o subsequente à preposição e não o anterior. Ou seja, é preciso olhar para a estrutura do DP dativo e não para o verbo, mais especificamente para os elementos que ocorrem na “borda esquerda” do DP.

Como se pode observar pelos exemplos abaixo, o apagamento da preposição ocorre, independentemente da ordem, diante de artigos⁶ (cf. 9) e de pronomes pessoais (cf. 10).

- (9) a. A Maria deu (a) *o* João um livro.
b. A Maria deu um livro (a) *o* João.
- (10) a. O Pedro deu um presente (a) *ele(s)*.
b. O Pedro deu (a) *ele(s)* um presente.
c. O Pedro deu um presente (a) *você(s)*.
d. O Pedro deu (a) *você(s)* um presente.

Por outro lado, como aponta a própria Scher (1996), a omissão da preposição é agramatical com elementos indefinidos / quantificadores como TODO, ALGUM, NENHUM, NINGUÉM, etc (cf. 11-12), também independentemente da ordem⁷.

⁶ Sentenças como (i) e (ii) são estruturalmente ambíguas: elas podem tanto ser analisadas como contendo uma preposição “fundida” ao artigo, ou como não possuindo preposição alguma.

i. João deu um presente *a filha*.

ii. João deu *a filha* um presente.

⁷ Scher sugere que pode estar em jogo nesses dados o traço de definitude. Só elementos definidos permitiriam o apagamento da preposição. A questão é como derivar do traço semântico de definitude a possibilidade de apagamento fonético/fonológico da preposição. Defendo que o que está em jogo é, na verdade, o traço D, ausente nos quantificadores.

- (11) a. O Marcos deu um presente *(a) *todos os seus irmãos*.
 b. O Marcos deu *(a) *todos os seus irmãos* um presente.
 c. A Maria enviou o seu convite de casamento *(a) *alguns de seus amigos*.
 d. A Maria enviou *(a) *alguns de seus amigos* o seu convite de casamento.

(Scher, 1996: 41-42)

- (12) a. Ele não entregou os livros *(a) *nenhum aluno*.
 b. Ele não entregou *(a) *nenhum aluno* os livros.
 c. Ele não entregou os livros *(a) *ninguém*.
 d. Ele não entregou *(a) *ninguém* os livros.

O comportamento diferente quanto a esses elementos não é de todo imprevisto, se consideradas não as suas características fonéticas, mas seus traços formais. Artigos e pronomes pessoais em (9-10) formam uma classe natural que exclui os quantificadores: são elementos que funcionam como núcleos de DPs, ou seja, são D^os⁸, enquanto os quantificadores encabeçam sua própria categoria funcional QP, que, em geral, toma justamente DPs como complementos, como nos casos de TODO e ALGUM e NENHUM.

Defendo que a possibilidade de apagamento da preposição no PBM está condicionada à presença de um elemento nuclear com traço D iniciando o complemento. Os dados em (9-12) permitem, então, a seguinte generalização:

- (13) No PBM, a preposição A pode ser apagada sempre que estiver adjacente a um núcleo D^o.

Resta, entretanto, definir qual o tipo de relação que se estabelece entre a preposição A e os determinantes no PBM, de modo a gerar o apagamento da primeira. É importante notar que o fato de que preposições e determinantes estão intimamente relacionados não é novidade para o português (não só o brasileiro) em geral. Várias preposições, como DE, PARA, COM, EM e o próprio A, apresentam um processo de contração com um determinante adjacente, de acordo com os exemplos em (14). É

⁸ Como se sabe, a diferença entre artigos e pronomes está em que os primeiros são Ds que tomam NPs como complementos, enquanto os últimos são Ds sem complemento.

(i) [_{DP} o [_{NF} pai]]
 (ii) [_{DP} ele]

importante também que essa contração ocorre com os dois “tipos” de determinantes, ou seja, tanto com artigos quanto com pronomes nucleares.

- (14)
- | | |
|-------------------|--------------------------|
| a. de + o / a | = do / da |
| b. de + ele / ela | = dele / dela |
| c. para + o / a | = pro / pra |
| d. com + o / a | = c'o / c'a ⁹ |
| e. em + o / a | = no / na |
| f. em + ele / ela | = nele / nela |
| g. a + o / a | = ao / à |

Esses fatos permitem supor que ao menos esse conjunto de preposições apresenta um requisito (morfológico) de “fusão” com elementos que portam traços D. Na próxima seção, apresento uma análise para o apagamento da preposição no PBM a partir de duas alternativas adotadas pelo PB e PBM para cumprir esse requerimento.

4. DERIVAÇÃO DOS PPS DATIVOS: *MERGE* MORFOLÓGICO OU *MERGE* SINTÁTICO

Defendo que o que difere o PBM e PB quanto à possibilidade de omissão da preposição com qualquer elemento D é o fato de que no PBM houve uma reanálise do processo de fusão entre P e D como um requisito sintático e não morfológico. Vejamos abaixo a derivação de sintagmas dativos no PB e no PBM.

4.1 PB: *MERGE* MORFOLÓGICO

A derivação de um complemento dativo preposicionado como em (15a), no PB, começa com as operações computacionais que formam o DP. Após isso, ocorre *merge* entre P e DP, conforme (15b). P tem traços- φ não interpretáveis, que agem como uma sonda sobre o alvo DP, que tem traço- φ interpretáveis. Os traços- φ de P são valorados e apagados em *agree* com os do DP, que, como consequência, tem seu traço de Caso (oblíquo / dativo) valorado.

⁹ A contração da preposição COM tem caráter dialetal, não ocorrendo em todas as variedades do PB.

No PB, a derivação sintática “interna” do PP termina nesse ponto. Todas as demais operações que ocorrerem na sintaxe não agem sobre a estrutura do PP, como o *merge* do PP como o V(P) ou o seu (possível) movimento para outras posições, em função de operações de topicalização/focalização. A estrutura em (15b) é, então, a que a sintaxe envia para a PF / Forma Morfológica.

- (15) PB
 a. A Maria entregou um presente *ao pai*.
 b. [_P P [_{DP} D [_{NP} ...]]] (merge sintático entre P e DP)

No componente morfológico, ocorre, então, a inserção de vocabulário, descrita em (16a). Após a inserção, ocorre um *merge* morfológico entre a preposição e o determinante (possivelmente para satisfação do caráter afixal daquela¹⁰). Se o *merge* é com o determinante O, a forma pronunciada é AO, como em (15a, 16c). Se é com o determinante A, um processo fonológico posterior reduz a seqüência AA para A¹¹.

- (16) a. [_P° a [_{DP} O [_{NP} pai]]] (inserção de vocabulário)
 b. [_P° [_{DP} a+O [_{NP} pai]]] (merge morfológico de P ao D)
 c. [_P° [_{DP} ao [_{NP} pai]]] (forma fonológica pronunciada)

A idéia principal desse trabalho é de que o PBM funciona diferentemente do PB na derivação dos dativos sem preposição, pois um processo sintático anterior à morfologia impede a inserção da preposição.

4.2 PBM: (MOVE E) MERGE SINTÁTICO

Defendo que, na derivação de um dativo como (17a) no PBM, ocorre, no componente sintático, uma operação a mais do que no PB: o movimento do núcleo D para a posição P, como em (17c). (Discuto na próxima seção a motivação para esse movimento). A estrutura em (17c), com o determinante sob o nó P é, então, a que é

¹⁰ Vide Torres Morais & Berlinck (2006) para uma análise que considera a preposição A como um tipo de prefixo marcador de Caso, tornando os sintagmas introduzidos por ela como a-DPs e não como PPs.

¹¹ É lícito perguntar se o *merge* de A afeta apenas os artigos, ou ocorre com qualquer elemento subsequente. De acordo com essa possibilidade, haveria *merge* inclusive com quantificadores como TODO, ALGUM, etc, e pronomes, resultando nas formas *a-todos*, *a-alguns*, *a-ele*.

enviada pela sintaxe à morfologia, o que implica que, sob esse nó, estão presentes, agora, os traços formais de P e de D (traços φ , por exemplo).

- (17) PBM
- a. A Maria deu um presente *o pai / ele*.
 - b. [_P P [_{DP} D [_{NP} ...]]] (*merge* sintático entre P e DP)
 - c. [_P [_P D_i P] [_{DP} D_i [_{NP} ...]]] (*movimento/merge* sintático de D para P)

Assumindo que o A não expressa conteúdo semântico, mas apenas realiza o traço de Caso dativo (ou oblíquo), há uma competição, no processo de inserção de vocabulário, entre a preposição A e os determinantes. A é especificado apenas para o traço oblíquo, enquanto os determinantes são especificados para os traços- φ (pessoa, número e gênero)¹².

O princípio de subconjunto diz que, na inserção de vocabulário, vence o item que tiver o maior número de traços dentre o subconjunto exigido pelo nó em questão. Uma vez que o nó P tem tanto o traço de Caso oblíquo quanto os traços- φ , o princípio do subconjunto determina a inserção do determinante (qualquer que seja¹³), como em (18), bloqueando a inserção de A, que tem apenas um dos traços requeridos pelo nó P.

- (18) a. [_P [_P o] [_{DP} [_{NP} pai]]] (*inserção de vocabulário*)
b. [_P [_P ele] [_{DP}]]] (*inserção de vocabulário*)

Em outras palavras, o item A deve ser considerado um elemento expletivo, inserido no nó P apenas para dar suporte ao traço oblíquo. Quando o nó P tem mais do que apenas o traço de Caso, outros elementos vencem a competição pela inserção. No fenômeno em estudo, devido ao movimento de D para P, a inserção de A é dispensada. Uma pergunta deve ser respondidas frente a essa análise:

- (19) O que determina o movimento de D para P?

¹² No caso dos artigos, traços- φ recebidos por percolação do núcleo N que é complemento, de modo a permitir o processo de *agree* e a valoração de Caso.

¹³ Uma vez que o A tem apenas Caso oblíquo, qualquer determinante deve vencer a competição pela inserção.

Trato dessa questão na próxima subseção.

4.3 MERGE SINTÁTICO: V-PARA-T E D-PARA-P

A análise esboçada aqui pressupõe que P, no PB, tem caráter afixal, exigindo, no componente morfológico, contração com o determinante do DP que é seu complemento. No PBM, esse caráter afixal deve ser satisfeito através de movimento e *merge* do determinante a P. É possível traduzir isso propondo que P possui um traço D, que é checado de modo diferente em cada dialeto.

A análise encontra suporte por pressupor uma distinção paramétrica semelhante à proposta defendida para a diferença quanto ao movimento do verbo em línguas como inglês e francês. Em ambas as línguas, T é um afixo com traço [+V], ou seja, que deve se prender ao verbo, mas o seu licenciamento ocorre de maneiras distintas em cada uma das línguas.

Em francês, ocorre o movimento de V para T ainda no componente sintático, satisfazendo o traço [+V] de T, como mostra a posição do advérbio em (20a). Em inglês, provavelmente devido ao caráter fraco da flexão verbal, não ocorre movimento, como mostra (21a). O traço [+V] de T só é satisfeito por um processo proposto por Chomsky (1955), denominado *affix hopping* (rebaixamento do afixo), de acordo com o qual o afixo de T desce até o núcleo verbal, como em (21c). Esse processo foi reinterpretado como um *merge* morfológico por Hale & Marantz (1993).

(20) Francês

a. Jean *embrasse* (souvent) Marie.

b. [_{TP} J. [_T V_i+T [_{VP} (souvent) [_{VP} V_i (...)]]]]

c. [_{TP} J. [_T embrasse [_{VP} (souvent) [_{VP} embrasse (...)]]]]

(21) Inglês

a. John (often) *kisses* Mary.

b. [_{TP} J. [_T T [_{VP} V (...)]]]

c. [_{TP} J. [_T [_{VP} T+V (...)]]]

d. [_{TP} John [_T [_{VP} kisses (...)]]]

O PBM e o PB se comportam, quanto a P, respectivamente, como o francês e o inglês, quanto a T. Da mesma forma que o T do francês, o P do PBM tem um traço D

forte, que deve ser checado através do movimento. Já o P do PB se comporta como o T do inglês, não desencadeando movimento na sintaxe, mas um *merge* com o elemento relevante (D), no componente morfológico¹⁴.

Dessa forma, a inserção da preposição na morfologia é bloqueada por um processo sintático pré-*Spell-out*, mas ainda assim essencialmente distinto do processo sintático por trás da omissão da preposição nas construções de duplo objeto, em inglês. Ao contrário do inglês, os traços formais da preposição estão presentes na derivação sintática dos dativos do PBM.

Uma alternativa para essa análise seria propor que a omissão da preposição no PBM é um fenômeno puramente morfológico. Mantendo a hipótese baseada na generalização em (13) de que é o determinante que condiciona o apagamento, seria possível propor que o PB e o PBM enviam para a morfologia o mesmo objeto sintático, mas que, na Forma Morfológica, atuam processos distintos que resultam na fusão/crase (*merge*) da preposição A ao determinante no PB, mas na sua supressão, também diante do determinante, no PBM. Ou, vindo por outro lado, que, no PBM, a supressão da preposição é o próprio resultado da sua fusão com o determinante, como em (22).

- (22) a. [P° a [DP o [NP pai]]] (inserção de vocabulário)
 b. [P° [DP a+o [NP pai]]] (*merge* morfológico de P ao D)
 c. [P° [DP **o** [NP pai]]] (supressão / forma pronunciada)

Essa alternativa permitiria dispensar a suposição de que D se move para P no componente sintático, no PBM. Os dados do PB(M), entretanto, vão contra essa hipótese. Vejamos porque.

Vitral (1996) e Ramos (1007) apontam que a forma do pronome de segunda pessoa CÊ se comporta diferentemente das formas OCÊ e VOCÊ, por ser impossível de ocorrer em vários contextos¹⁵, um deles sendo o de complemento de preposição, conforme (23).

¹⁴ Dessa forma, não é preciso propor que P tem traço D apenas no PBM. O traço estaria presente em ambos os dialetos, mas seria satisfeito de formas distintas em cada um deles, como o traço V de T.

¹⁵ Vitral (1996) e Ramos (1997) defendem que essas diferenças decorrem de CÊ ser uma forma clítica, ou em vias de cliticização. Petersen (2008), por outro lado, baseando-se na proposta de Cardinaletti e Starke (1999) de um sistema tripartido de pronomes, argumenta que CÊ é mais bem analisado como um pronome fraco.

- (23) a. Eu falei pra *você*.
 b. Eu falei *pr'ocê*.
 c. *Eu falei pra *cê*.

Petersen (2008a, 2008b), entretanto, apresenta os dados em (24), que apontam que CÊ pode sim ocorrer como complemento da preposição desde que haja uma reestruturação prosódica da seqüência.

- (24) a. Eu disse isso *p'cê* ontem
 b. Quer que eu vá *c'cê* lá

Essa reestruturação é semelhante à contração que ocorre entre PARA e os artigos O/A e que ocorre entre outras preposições, como DE, com artigos e os pronomes ELE/ELA. Dessa forma, a hipótese de que a omissão da preposição A no PBM é resultado de um processo puramente morfológico (uma supressão como consequência do merge/fusão com o determinante) faz a previsão de que (25) deveria ser gramatical no PBM, apesar de agramatical no PB. Explico: se a supressão de A é o equivalente no PBM da contração que há no PB, então as formas em (25), como A apagado, seriam as equivalentes no PBM das formas do PB em (27), como fruto da derivação em (26). A previsão, entretanto, não se confirma.

- (25) a. Eu entreguei isso *cê*. (PB: *; PBM:*)
 b. Eu entreguei *cê* isso. (PB: *; PBM:*)
- (26) a. [_P a [_{DP} *cê*]] (inserção de vocabulário)
 b. [_P [_{DP} a+cê]] (*merge* morfológico de P ao D)
 c. [_P [_{DP} *cê*]] (supressão / forma pronunciada)
- (27) a. Eu entreguei isso *pr'cê*. (PB: *; PBM:*)
 b. Eu entreguei *pr'cê* isso. (PB: *; PBM:*)

A análise em que a omissão da preposição na Forma Morfológica é consequência de operações ocorridas previamente na sintaxe parece ser empiricamente

superior à proposta de que, em cada dialeto, ocorrem operações morfológicas distintas sobre um objeto sintático construído de modo idêntico.

4.4 UM CASO DISTINTO

Nesta subseção, gostaria de apresentar algumas considerações sobre um outro dialeto do PB que também omite a preposição em complementos dativos, mas que tem condicionamentos distintos dos que age sobre o PBM. Ou seja, a omissão não está condicionada pela presença do determinante.

No dialeto afro-brasileiro de Helvécia, município de Nova Viçosa, interior da Bahia, como apontado por Lucchesi (1999) e Barros (2008)¹⁶, também ocorre o apagamento da preposição em dativos, mas com características mais próximas às construções de duplo objeto do inglês do que do fenômeno de D-para-P do PBM: a omissão só pode ocorrer em contexto de adjacência estrita entre o complemento e o verbo.

Uma vez que, nesse dialeto, o contexto de uso de artigos é mais restrito do que em outras variedades do PB¹⁷, como o PBM, a previsão dessa análise é que, diferentemente do PBM, o dialeto de Helvécia não apresente restrições ao apagamento da preposição na ausência de elementos determinantes nucleares, o que se confirma por dados como (28), levantados por Barros¹⁸.

- (28)
- a. Eu pago *minha prima*.
 - b. Pode perguntá *dona*. Ela mora aí perto...
 - c. ... deu *Luísa* iss'aí pá *Luísa* prantá.
 - d. Fui ensiná *meu sobrim!*
 - e. Aí eu disse *meu filim*.
 - f. Você num vai pagá *meu amigo* não?
 - g. Ele vendia *compade Jacó* porco gordo.

¹⁶ Vide nota 3.

¹⁷ Como em todas as variedades faladas na Bahia, o uso de artigo é de frequência bastante reduzida diante de nomes próprio e possessivos, por exemplo.

¹⁸ Dados de DPs dativos iniciados por quantificadores, com ou sem preposição, não foram encontrados no *corpus*, o que impede a avaliação da possibilidade de apagamento diante desses elementos. Dados de julgamentos de gramaticalidade por parte dos falantes não estão disponíveis.

Nos exemplos das letras (b), (d), (f) e (g), a omissão da preposição poderia, a princípio, ser analisada como consequência de crase com a vogal anterior, do verbo. Isso não invalida o argumento apresentado aqui, primeiro, porque os demais exemplos não admitem essa análise, pela qualidade distinta da vogal; segundo, porque isso condiz com o esperado: qualquer que seja o processo que leva à omissão da preposição em Helvécia (como o sândi com a vogal verbal), ele é qualitativamente diferente do processo que leva à omissão no PBM, que não permite o apagamento da preposição (mesmo em adjacência ao verbo) quando não há um núcleo D adjacente, o que demonstra a relevância de D no processo.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho analisou o processo de omissão da preposição em complementos indiretos de verbos bitransitivos, denominados dativos, no dialeto da Zona da Mata de Minas Gerais. Grande parte das considerações aqui traçadas partem de uma revisão do trabalho de Scher (1996). Ofereço uma análise baseada na hipótese de que essa omissão é condicionada pela adjacência da preposição com um elemento que funcione como núcleo D°, o que explica (i) porque o apagamento pode ocorrer independente da posição que o complemento ocupa em relação ao verbo e ao complemento direto e (ii) porque não pode ocorrer diante de pronomes indefinidos. Derivo esse condicionamento de um requerimento de *merge* entre a preposição e o determinante, que ocorre no componente morfológico no PB, mas no componente sintático, via movimento, no PBM, de modo semelhante à diferença de *merge* entre T e V em línguas com e sem movimento do verbo.

REFERÊNCIAS

1. ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. *Sentenças bitransitivas do português brasileiro revisitadas à luz da cartografia estrutural do IP*. Comunicação apresentada no XVI Simpósio Internacional de Iniciação Científica (SIICUSP), 2008.
2. BARROS, Isis. *A variação nas construções dativas no dialeto de Helvécia (BA)*. Lauro de Freitas (BA): UNIME. Trabalho de Conclusão de Curso, 2008.

3. BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi. (ed.). *The structure of CP and IP. The cartography of syntactic structures. Vol. 2.* Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 16-51.
4. CHOMSKY, Noam. Minimalist inquiries: the framework. MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (eds.). *Step by step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik.* Cambridge, MA: MIT Press, 2000. p. 81-155.
5. CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: A Life in Language.* Cambridge, MA: The MIT Press, 2001. p. 1-52.
6. CHOMSKY, Noam. Beyond explanatory adequacy. BELLETTI, Adriana. (ed.). *Structures and Beyond – The Cartography of Syntactic Structure. Vol. 3.* Oxford: Oxford University Press, 2004.
7. HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: Hale, K.; KEYSER, S. J. (eds). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger.* Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993. p. 111-176.
8. LARSON, Richard K. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, 19, 1988, p. 335-91.
9. LUCCHESI, Dante. A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso. *A cor das letras*, nº 3 (edição especial). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1999. p. 73-100.
10. NUNES, Jairo; XIMENES, Cristina. *Prepositional contraction and morphological sideward movement in Brazilian Portuguese.* (no prelo).
11. OLIVEIRA, Marilza de. *A preposição a no Português Moçambicano.* Revista do GEL, 2005.
12. PETERSEN, Carol. *O Estatuto de Cê num Sistema Pronominal Tripartido.* Comunicação apresentada no II 2.^o Workshop do Projeto Temático “Síntaxe Gerativa do Português Brasileiro na Entrada do Século XXI: Minimalismo e Interfaces”. São Paulo: Universidade de São Paulo. 25 de novembro de 2008.
13. PETERSEN, Carol. A Tripartição Pronominal e o Estatuto das Proformas Cê, Oê e Você. *Delta*, n. 24. Vol. 2, 2008. p. 283-308.
14. SCHER, Ana Paula. *As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo.* Dissertação de mestrado. Campinas (SP): Unicamp, 1996.

15. TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R.; BERLICK, Rosane A. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Normal. (orgs). *Para a história do português brasileiro*. Vol. VI: Novos dados, novas análises. Tomo I. Salvador: Edufba, 2006.

RESUMO: Nesse artigo, analiso o fenômeno de omissão da preposição em complementos indiretos de verbos bitransitivos no dialeto da Zona da Mata de Minas Gerais, descrito por Scher (1996). Ofereço uma análise baseada na hipótese de que essa omissão é condicionada pela adjacência da preposição a um elemento que funcione como núcleo D°, o que explica porque o apagamento pode ocorrer independente da posição que o complemento ocupa em relação ao verbo e ao complemento direto e porque não pode ocorrer diante de pronomes indefinidos. Derivo esse condicionamento de um requerimento de *merge* entre a preposição e o determinante, que ocorre no componente morfológico no PB, mas no componente sintático, via movimento, no PBM, de modo semelhante à diferença de *merge* entre T e V em línguas com e sem movimento do verbo.

PALAVRAS-CHAVE: complementos dativos; português brasileiro; dialeto da Zona da Mata (MG); interface sintaxe-morfologia.

ABSTRACT: In this paper, I analyze the phenomena of absence of the preposition in indirect/dative complements, analyzed by Scher (1996), that occurs in the variety of Brazilian Portuguese (BP) spoken in Zona da Mata de Minas Gerais (BPM). I offer an account based in the hypothesis that the absence is triggered by the adjacency between the preposition and a D° head. I show that it explains why the absence occurs only with article and pronouns and why it is impossible with quantifiers, independently of V-IO order. I propose that the requirement of *merge* between P and D takes place in the morphological component in BP, but in the syntactic component in BPM. This is similar to difference between languages with and without verb movement to T.

KEYWORDS: dative complements; Brazilian Portuguese; dialect of Zona da Mata (MG); syntax-morphology interface.

RESUMEN: En este artículo, analizo el fenómeno de omisión de la preposición en complementos indirectos de verbos bitransitivos en el dialecto de la Zona da Mata de Minas Gerais, descrito por Scher (1996). Ofrezco un análisis basado en la hipótesis de que esa omisión está condicionada a la proximidad de la preposición con un elemento que funcione como núcleo D°, lo que explica por qué el borramiento puede ocurrir independientemente de la posición que el complemento ocupe en relación al verbo y al complemento directo, y por qué no puede ocurrir delante de pronombres indefinidos. Derivo ese condicionamiento de una necesidad de *merge* entre la preposición y el determinante, lo que sucede en el componente morfológico del Portugués Brasileño (PB), mas en el componente sintático, vía movimiento, en el PBM, de modo semejante a la diferencia de *merge* entre T y V en lenguas con y sin movimiento del verbo.

PALABRAS CLAVE: complementos dativos; portugués brasileño; dialecto de la Zona da Mata (MG); interfaz sintaxis-morfología.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2008.

Artigo aceito para publicação no dia 27 de fevereiro de 2009.